

Iranianos não esquecerão: A guerra híbrida contra o Irã

Uma entrevista com Seyed Mohammad Marandi,
da Universidade de Teerã



Dossiê nº19
Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Agosto de 2019

Iranianos não esquecerão: A guerra híbrida contra o Irã

Uma entrevista com Seyed Mohammad Marandi,
da Universidade de Teerã.



Dossiê nº19 do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
Agosto de 2019

É impossível prever o que acontecerá na Ásia Ocidental. Impossível saber se os Estados Unidos realizarão um ataque militar contra o Irã, que já vem enfrentando, nas últimas décadas, a violência de uma guerra híbrida conduzida pelos EUA. O atual ponto crítico é o Plano de Ação Conjunto Global (PACG), negociado e assinado em 2015 pelo Irã, os cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos), Alemanha e a União Europeia. O PACG tentou lidar com as tensões alentadas pelos Estados Unidos e seus aliados (principalmente Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Israel) contra a política nuclear do Irã. O Irã, de boa-fé, concordou com os protocolos estabelecidos pelo PACG, embora sempre tenha dito que não tem uma política de armas nucleares.

O que irritou os Estados Unidos e seus aliados foi o papel regional que o Irã desempenhou. Desde a Revolução Iraniana, de 1979, o Irã foi encurralado pelo Iraque – que com Saddam Hussein à frente liderou uma guerra de agressão contra o país persa de 1980 a 1988 – e pelo Afeganistão – cujo regime do Talibã, em particular, foi decididamente contrário ao Irã. As guerras dos EUA contra o Afeganistão (2001) e contra o Iraque (2003) destruíram os dois inimigos mortais do Irã e, portanto, beneficiaram o país persa que restabeleceu seus contatos além de suas fronteiras e rapidamente se tornou uma importante potência regional. Os Estados Unidos tentaram fazê-lo recuar às suas fronteiras, atacando seus aliados e o próprio Irã. A Síria enfrenta a ação legislativa dos EUA desde 2004, enquanto Israel conduziu uma guerra brutal contra o Líbano em 2006. Foi nesse contexto que os EUA colocaram a “ameaça nuclear” na mesa e iniciaram um regime de sanções unilateral, com


a ONU, contra o Irã. O PACG foi um mecanismo para reverter a perigosa tensão produzida pelos Estados Unidos na década em que começou suas guerras no Afeganistão e no Iraque.

A frustração com a resiliência do Irã e seus laços com a China e a Rússia levou os EUA e seus aliados regionais a renovarem as ameaças. A guerra híbrida incluiu sanções econômicas, sabotagem e assassinatos, além de uma guerra de informação. Para romper a barreira da informação, o **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** entrevistou o professor Seyed Mohammad Marandi, da Universidade de Teerã, onde leciona Literatura Inglesa e Orientalismo e é decano da Faculdade de Estudos Mundiais. Esta conversa concentra-se na política unilateral de sanções dos EUA contra o Irã, na resiliência do país persa e suas relações com a China e a Rússia.





Um religioso iraniano passa por um mural feito no muro da antiga embaixada dos EUA, Teerã, fevereiro de 2007.
Morteza Nikoubazl/Reuters

 *Sanções terríveis e ameaças de guerra devem ter deixado a população iraniana no limite. Você poderia nos dar uma ideia do clima no Irã neste momento? Existe uma sensação de isolamento na população?*

O próprio presidente dos EUA, Donald Trump, admite que está travando uma guerra econômica contra os iranianos. Ele qualifica seu instrumento de guerra por meio de uma expressão reveladora: “sanções brutais”. Portanto, ele admite que está brutalizando a população iraniana. Isso é – por si só – um crime de guerra. Além disso, Trump ameaça regularmente os iranianos. Ele diz repetidamente que pode obliterar o país, o que essencialmente significa usar armas de destruição em massa. É uma ameaça de morte aos iranianos por meio de um holocausto nuclear. Em 19 de maio de 2019, por exemplo, Trump disse via Twitter: “Se o Irã quer lutar, esse será seu fim oficial”. Em uma série de tweets, em 25 de junho, Trump escreveu que os EUA atacariam o Irã com “grande e esmagadora força. Em algumas áreas, esmagadora significará obliteração”. É uma ameaça genocida.

Então, quando esse tipo de regime faz ameaças constantemente, é óbvio que as pessoas notam. Mas gostaria de acrescentar que, nos últimos meses, as pessoas ficaram menos preocupadas do que antes. Quando as novas sanções – que vêm aumentando a cada semana nos últimos meses – começaram, houve uma corrida financeira e nossa moeda caiu rapidamente. Mas, nos últimos meses, voltou a se estabilizar. A vida está mais difícil, mas há uma nova normalidade agora.

Eu não acho que haja uma sensação de isolamento porque países como Rússia e China estão se aproximando. Líderes russos e meios de comunicação oficiais chineses vêm fazendo declarações em apoio ao Irã. Em maio, quando as sanções começaram, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Javad Zarif, estava em Pequim. O conselheiro de Estado chinês, Wang Yi, disse que a China “se opõe resolutamente à implementação, pelos EUA, de sanções unilaterais e da chamada *jurisdição de braços longos*”. A jurisdição de braços longos é um conceito legal que permite que um país – neste caso, os EUA – argumente que pode fazer reivindicações legais com base em suas próprias leis, e não as do direito internacional, contra outros países.


Mais significativamente, Wang Yi disse que a China “apoia o lado iraniano para salvaguardar seus direitos e interesses legítimos”. Em junho, o presidente da China, Xi Jinping, e o russo Vladimir Putin se encontraram em Moscou. Eles discutiram a situação em torno do Irã e escreveram uma poderosa declaração de apoio. Disseram que ambos os países “se opõem firmemente à imposição de sanções unilaterais por qualquer Estado” – o dedo apontou diretamente para Washington. China, Rússia e Irã estão se aproximando.

Os aliados regionais estão próximos e permanecem muito fiéis ao Irã também. Apesar da pressão ininterrupta e das ameaças dos Estados Unidos, os governos do Iraque, Líbano, Turquia, Catar e Omã permanecem muito próximos, enquanto as forças de resistência aliadas, do Mar Vermelho ao Mediterrâneo, passando pelo Hindu Kush, estão de acordo com os iranianos em questões estratégicas.

Mesmo a mídia ocidental, apesar de sua tradicional hostilidade, está achando difícil justificar as ações do regime de Trump, especialmente porque boa parte dela o despreza. Editoriais de vários jornais importantes saíram abertamente contra as ameaças de Trump de bombardear o Irã.



Garotos iranianos olham para um brinquedo que retrata o herói Homem-Aranha em um shopping center na ilha de Kish, no Golfo Pérsico. Kish se tornou a primeira zona de livre comércio do país e a nova porta de entrada para o Irã, em 1982, a 17 km da costa sul do país. Kish, agosto de 2008. Morteza Nikoubazl/Reuters

 *As sanções impostas não têm o aval das Nações Unidas ou do direito internacional. Qual é o entendimento iraniano das sanções dos EUA? Você poderia nos contar um pouco sobre o impacto delas com base em conceitos como a jurisdição de braços longos?*

As sanções não têm o respaldo do direito internacional ou das Nações Unidas, por isso são ilegais mesmo para seus próprios padrões. Os Estados Unidos intimidam outros países ameaçando-os com sanções caso não sigam o seu exemplo contra o Irã, como foi feito com a Coreia do Sul, Japão, Turquia e Índia em relação à compra de petróleo iraniano. Esses países cederam às ameaças, não porque tenham que honrar qualquer compromisso legal internacional, mas por causa do poder financeiro e político dos Estados Unidos.

Como o sistema financeiro global está centrado em instituições financeiras profundamente influenciadas pelos EUA, e como o dólar desempenha efetivamente o papel de moeda global, isso dá ao governo estadunidense uma enorme vantagem contra muitos governos ao redor do mundo. Os europeus, os australianos e outros países ocidentais não concordam com as políticas de Trump em relação ao Irã. Em maio de 2019, a União Europeia (UE) divulgou uma declaração contra as novas sanções que foi assinada por sua chefe de política externa, Federica Mogherini, e pelos ministros das Relações Exteriores da França (Jean-Yves Le Drian), Alemanha (Heiko Maas) e Reino Unido (Jeremy Hunt). Eles “lamentaram”, se mostraram

“preocupados”, mas em nenhum momento ameaçaram fazer qualquer coisa. Eles não querem enfrentar os Estados Unidos. Comentários sobre um novo mecanismo de pagamento – INSTEX – permaneceram no ar. Não poderia ser uma ferramenta significativa. Na verdade, o presidente do Irã, Hassan Rouhani, chamou-o de “instrumento vazio”.

Há um certo tribalismo, se não racismo, certo tipo de eurocentrismo, que une esses países. Quando Trump ameaça o Irã de obliteração, nenhum líder ocidental, nenhum parlamentar europeu, nenhuma grande figura política na Europa está disposta a criticá-lo, muito menos a condená-lo. Suas ameaças de um holocausto nuclear foram recebidas com silêncio.

No entanto, embora o impacto das sanções seja significativo, há países que se aproximam cada vez mais do Irã e resistem aos Estados Unidos por princípio ou porque sabem que poderiam ser os próximos na lista caso eles obtenham êxito. Um grupo de 25 países se uniu para protestar contra o uso de sanções unilaterais pelos Estados Unidos. É claro que outros Estados querem aderir a esse grupo, mas ainda não estão preparados para enfrentar os EUA publicamente.

O que eles estão fazendo contra o Irã não é uma exclusividade nossa. Vemos uma longa história de tentativas de desestabilizar qualquer país que não aceite a hegemonia estadunidense. No caso do Irã, o governo foi derrubado por um golpe da CIA em 1953, o xá do Irã foi apoiado pela assistência americana de 1953 a 1979, e depois os EUA tentaram, a partir da revolução

iraniana, derrubar o governo. Junto com a Arábia Saudita, eles pediram a Saddam Hussein que o Iraque continuasse em guerra contra o Irã por oito anos, durante os quais forneceu às forças iraquianas armas químicas que foram amplamente usadas contra o Irã e a oposição iraquiana.

A política de Trump acompanha essa longa história. E essa é a história do Irã que nos é familiar. Desde a queda da URSS, um conjunto de Estados – muitas vezes muito diferentes entre si – tem enfrentado o peso da força dos EUA, sendo chamados de “Estados párias”, “Estados rebeldes”, “Estados falidos”, “patrocinadores estatais do terrorismo” e assim por diante. Estes incluem – com diferentes níveis de pressão – Afeganistão, Cuba, Irã, Iraque, Líbia, Coreia do Norte, Sudão, Síria, Venezuela, Iêmen, Líbano e Iugoslávia. Vários desses Estados não estão mais na lista porque foram obliterados (Iugoslávia) ou enfrentaram mudanças de regime (Afeganistão, Iraque e Líbia).

Um exemplo atual dessa política de guerra híbrida dos EUA é a Síria, onde os EUA apoiaram extremistas para destruir o país. Temos a sorte que uma parte do documento da Agência de Inteligência de Defesa dos EUA está disponível no domínio público. Esse documento – que foi divulgado em agosto de 2012 – diz que “existe a possibilidade de estabelecer um principado salafista declarado ou não declarado no leste da Síria”. O documento diz que é isso que os poderes que apoiam a oposição – com os EUA na liderança – querem fazer para “isolar” o governo sírio. Na época em que este documento foi produzido, o chefe da Agência de Inteligência de Defesa era Michael Flynn.

Em 2016, na *Al-Jazeera*, Flynn admitiu que os EUA tomaram uma decisão deliberada em apoiar seus aliados – como as ditaduras de famílias árabes do Golfo Pérsico e Turquia – no apoio aos extremistas. Sim, ele disse, “permitimos que esses militantes extremistas viessem”. Os EUA facilitaram a entrada de extremistas que criaram uma série de organizações – incluindo o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL) – que destruíram a Síria.



Iranianos usam máscaras e chapéus com a bandeira dos EUA (esq.) e a bandeira de Israel em uma manifestação para marcar o 35º aniversário da Revolução Islâmica do Irã. Teerã, fevereiro de 2014.

Morteza Nikoubazi/The New York Times

O que fizeram na Síria foi o que fizeram na Líbia e o que querem fazer no Irã, que está familiarizado com tudo isso. Esse tipo de pressão existe desde a Revolução, mas a força da República Islâmica não pode ser comparada a nenhum desses outros países.

🔄 *Os Estados Unidos continuam pressionando o Irã não apenas acerca do programa nuclear, mas nas relações da Ásia Ocidental ao Mar Mediterrâneo. As exigências de Washington – em nome dos regimes árabes no Golfo Pérsico e Israel – parecem intermináveis. Qual é a atitude do governo iraniano em relação a essas exigências?*

Atualmente, os Estados Unidos estão preocupados em perder seu papel dominante na região. Têm sido incapazes de minar a Síria; fracassaram no Iêmen, apesar de estarem ao lado da Arábia Saudita, fornecendo a eles todo o tipo de armas e impondo a fome aos iemenitas, juntamente com todos os outros países ocidentais. Eles não conseguiram impor um governo de sua própria escolha no Iraque, assim como no Líbano, enquanto no Afeganistão eles não têm o controle que esperavam. Assim, o governo estadunidense está agora em uma posição fraca e tudo o que eles têm são duas ditaduras familiares – os sauditas e os Emirados – e o regime israelense.

As exigências que os Estados Unidos estão fazendo são, é claro, inaceitáveis para o governo de Teerã. Os Estados Unidos que-


rem renegociar o acordo nuclear de uma forma que o Irã considera inaceitável. O governo de Hassan Rouhani vê a exigência dos EUA por renegociação como apaziguamento. O governo iraniano acredita que não há razões plausíveis para negociar com um governo que não esteja disposto a cumprir suas próprias atuais obrigações porque isso só encorajará o comportamento desonesto e a intimidação dos EUA e seus aliados. Em contrapartida, todas as inconsistências nas declarações vindas da Casa Branca são mais uma razão para não negociar.



Durante uma manifestação para marcar o 35º aniversário da Revolução Islâmica do Irã, um garoto iraniano segura uma máscara do cientista nuclear iraniano Mostafa Ahmadi-Roshan, que foi morto em uma explosão em Teerã em 2012. Teerã, fevereiro de 2014
Morteza Nikoubazl/The New York Times

O fato de que eles sancionaram os líderes do país – incluindo o ministro das Relações Exteriores – também é uma evidência de que o governo dos EUA não é sério. Até mesmo os franceses admitiram recentemente que os EUA não levam a sério as negociações. No início de junho, um oficial francês disse à CNN que “não há sinal de que os EUA estejam interessados em dialogar”.

Em qualquer caso, o Irã não está disposto a renegociar o PACG e a desistir do poder militar que protege o país dos ataques dos EUA. Não está disposto a acabar com o apoio a seus aliados regionais porque sabe que os grupos extremistas Wahhabi, que os EUA e seus aliados têm apoiado, ganharão vantagem imediatamente.

 *Ninguém duvida que os militares dos EUA sejam de longe a força armada mais poderosa não só no mundo, mas também na região. Bases dos EUA cercam o Irã e navios de guerra dos EUA patrulham continuamente regiões próximas às águas do Irã, que mostrou que pode abater drones, mas certamente não seria capaz de se defender de um bombardeio maciço. É por isso que o Irã diz não à guerra, mas continua decidido a não recuar. Qual é a fonte dessa resiliência no governo e entre a população?*

A Revolução no Irã foi sobre independência, dignidade, soberania e autodeterminação. Nosso sistema de governo reconhe-

ce a participação pública na política e respeita nossos próprios valores e crenças. Portanto, um forte senso de determinação foi criado entre os iranianos comuns contra a hostilidade de países como os Estados Unidos. Eles são indiscutivelmente o país mais poderoso do mundo, mas têm vulnerabilidades. O público dos EUA está cansado da guerra. O apetite por outro grande confronto não existe no país. A dívida nacional dos EUA é superior a 22 trilhões de dólares, o que só aumentaria se iniciassem outra guerra. Além disso, não podem transferir suas forças armadas de todo o mundo para o Irã, pois estão amarradas em outros territórios. Atualmente, os EUA estão envolvidos em uma escalada militar com potências emergentes como a China e a Rússia; já estão sobrecarregados.

Também acredito que a queda do mais sofisticado *drone* dos EUA, que alguns dizem custar 200 milhões de dólares, por um míssil fabricado no Irã que custa cerca de 20 mil dólares é um sinal de que as capacidades militares do Irã são muito mais avançadas do que os americanos acreditam. O Irã não é um país pequeno, é montanhoso e tem uma população de mais de 80 milhões. Está se preparando para um possível ataque desde a guerra do Iraque. Tem muitas instalações subterrâneas ao longo do Golfo Pérsico, nas ilhas, perto do estreito de Ormuz, bem como do Golfo de Omã. Nessas instalações secretas e bem protegidas, é armazenada uma enorme capacidade de defesa contra mísseis, bem como outras capacidades defensivas e ofensivas. Portanto, eu não subestimaria o potencial do Irã em atacar alvos dos EUA. É importante sublinhar que, no caso de um ataque dos EUA ao Irã, as instalações de petróleo e gás

na região do Golfo Pérsico, bem como os petroleiros e navios, seriam todos destruídos, e ninguém pode realmente protegê-los. Eles são vulneráveis e sua destruição levaria a um colapso econômico global, algo sem precedentes na história moderna.


Além disso, os aliados iranianos expulsariam rapidamente as forças dos Estados Unidos do Afeganistão, Iraque, Síria e Líbano, enquanto os regimes sauditas e dos Emirados entrariam em colapso rapidamente, já que são totalmente dependentes do petróleo.



Iranianos tiram fotos e gravam vídeos em seus celulares e tablets durante um concerto ao vivo da banda Liberty Square Rock em uma área aberta do Centro Cultural Niavarán, Teerã, maio de 2014.

Morteza Nikoubazi/ZUMA Press

Os Emirados têm uma população de 1 milhão de cidadãos e 7 milhões de estrangeiros. Se as instalações de petróleo e gás e outras infraestruturas forem destruídas, não creio que o regime dure mais de duas semanas. Veríamos as forças armadas do Iêmen invadirem a Arábia Saudita e os mercenários se levantarem nos Emirados e talvez outro empurrão do Iraque na Arábia Saudita. Se uma “guerra quente” – uma guerra que usa a força militar como estratégia principal – for imposta ao Irã pelos EUA, haverá uma enorme guerra regional e milhões de pessoas deixarão imediatamente a Península Arábica em direção à Europa. A depressão econômica global também teria enormes consequências em todo o mundo. Então, eu acredito que os EUA reconhecem que uma guerra com o Irã não é uma que possa vencer. Todos perderiam, mas eles têm muito mais a perder que o Irã.

 *No horizonte de Teerã, vê-se um grande número de guindastes chineses. Certamente, o investimento chinês no Irã está crescendo, com a China vendo o Irã como parte integral da Iniciativa do Cinturão e Rota. Você poderia avaliar o papel da China no país? Como a China é vista? Que tipo de projetos chineses você acha que se tornarão parte integrante da agenda de desenvolvimento do Irã?*


O relacionamento iraniano-chinês tem crescido há vários anos e o mesmo vale para as relações iraniano-russas. Tenha em mente alguns fatos importantes. Primeiro, os EUA impuseram

uma pressão à China e iniciaram uma guerra comercial. Em segundo lugar, as relações entre EUA e Rússia foram praticamente destruídas, com as sanções estadunidenses contra a Rússia em andamento. Terceiro, os EUA estão travando uma guerra econômica contra os iranianos, o que afeta a China e muitos outros países por causa da dificuldade de comprar petróleo do Irã e continuar o comércio normal. Essas pressões aproximaram esses países, pois todos reconhecem que qualquer sucesso dos EUA contra um deles é prejudicial aos interesses dos outros e que qualquer fracasso fortalece as três nações.

Os países já vinham estreitando laços antes que a pressão se intensificasse nos últimos anos. Mas o comportamento dos EUA aumentou o ritmo da convergência. A Iniciativa do Cinturão e Rota também tem sido um fator facilitador para promover essa convergência e aumentar alianças futuras, especialmente econômicas entre o Irã, a Ásia Central e a China. A viagem do presidente do parlamento, dr. Ali Larijani, à China, há alguns meses, foi um ponto de virada no relacionamento, e o encontro mais recente entre o presidente Rouhani e o presidente Xi consolidou isso.

Os chineses estão se recusando a suspender o comércio de petróleo com o Irã e os dois países vão aumentar significativamente sua relação econômica nos próximos dois anos. Essa é uma grande perda para os Estados Unidos da América e para a União Europeia, porque ao afastar o Irã do Ocidente, eles fortalecem e unem seus rivais, como a China e a Rússia. Enquanto

a posição dos EUA na região está declinando, essa relação entre Irã e China obviamente terá um efeito sobre as relações chinesas com a Síria, Iraque, Afeganistão, Líbano e Iêmen no futuro, se não em outros países também. Além disso, a Ásia Central, localizada entre o Irã, a Rússia e a China, se aproximará desses três países, quanto mais eles cooperarem entre si.


 *A intervenção russa na Síria em 2015 deteve todos os planos dos EUA de bombardear Damasco. A Rússia tem sido severa sobre as provocações dos EUA contra o Irã. Você acha que os russos fornecerão ao Irã o tipo de escudo que eles forneceram a Damasco e que eles forneceram à Venezuela?*

Não se pode comparar o Irã com a Síria. Na verdade, foi o Irã que salvou Damasco. Os russos chegaram quando ficou claro que o governo sírio não seria derrubado. Os russos desempenharam um papel muito importante na Síria, e o mundo deveria ser grato pelo esforço da Rússia, do Irã e do Hezbollah em ajudar os sírios a derrotar os extremistas. Mas o Irã é muito mais forte que a Síria, a Venezuela, a Líbia ou o Vietnã, ou todos eles combinados. Acho que a queda do *drone* dos EUA foi um símbolo da capacidade e determinação do Irã. Isso, juntamente com o fato de que o país está estrategicamente localizado ao lado da principal fonte mundial de combustível fóssil – a região do Golfo Pérsico – fortalece o Irã de uma maneira única.

O que impede os Estados Unidos de atacar o Irã é definitivamente a força interna de nosso país e suas capacidades regionais, mas, obviamente, a estreita relação do Irã com os russos e os chineses também fortalece significativamente o Irã.



Um menino iraniano brinca enquanto sua mãe reza no santuário de Hazrat-e Massoumeh, neta do profeta Maomé, durante o festival de Eid-al-Fitr na cidade sagrada de Qom, 120 km ao sul de Teerã. Qom, agosto de 2013. Morteza Nikoubazl/The New York Times

 Quando os EUA cortaram as concessões comerciais entre o Irã e a Índia, o Japão e a Coreia do Sul, isso comprimiu essas economias. É por isso que Shinzo Abe, do Japão, está ansioso para encontrar uma saída das sanções. A Índia também está insatisfeita com a atual escalada a uma guerra. Seus investimentos em Chabahar estão definhando. Você acha que esses países – cada um com relações estreitas com os EUA – romperão com Washington e isolarão Trump em seu caminho de guerra contra o Irã?

Índia, Japão e Coreia do Sul perderam seus mercados no Irã como resultado da pressão e do incitamento dos EUA. Temos que ver qual direção a Índia finalmente tomará em relação ao petróleo iraniano, mas o Japão e a Coreia perderam muito. Ainda que o investimento da Índia em Chabahar seja limitado, tem um enorme potencial e é de grande importância estratégica para o país. Se a Índia se inclinar para os EUA, a China aproveitará essa oportunidade para substituir a Índia por completo.


Os regimes da Arábia Saudita e dos Emirados não são inerentemente estáveis o suficiente para que qualquer um se sinta confiante em colocar todos os ovos em suas cestas. Esses países estão assumindo um grande risco ao substituir o petróleo do Irã por petróleo da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos. De qualquer forma, esses países perderam o mercado iraniano ou estão em processo de perdê-lo, e estão perdendo influência

na região, ao passo que a influência do Irã está crescendo. Essa perda é significativa, e quanto mais eles obedecerem Trump e se absterem de comprar petróleo iraniano ou romper os laços econômicos com o Irã, melhor será para os chineses, que consolidarão sua posição no mercado iraniano. Se, no futuro, os japoneses e os coreanos quiserem retornar ao mercado, acho que será muito difícil recuperarem uma posição, porque, quando você perde um mercado, é muito difícil tê-lo de volta.



Um casal iraniano descansa em frente ao míssil superfície-superfície Zelzal enquanto visita uma exposição de guerra para marcar o aniversário da guerra Irã-Iraque (1980-88) em uma base militar da Guarda Revolucionária. Teerã, setembro de 2011. Morteza Nikoubazi

Os EUA sacrificam seus supostos aliados por suas próprias políticas egoístas. Esses países – especialmente o Japão e a Coreia do Sul – não têm vontade de enfrentar os Estados Unidos. Com a Índia ainda não está claro, mas até agora eles não mostraram a força necessária para proteger sua soberania e independência, e para enfrentar os Estados Unidos em prol de seus próprios interesses.

 *A União Europeia está ansiosa para continuar comprando petróleo iraniano, mas não conseguiu criar um mecanismo para isso. Os iranianos disseram que vão criar novos meios para trocar petróleo com países da Europa e de outros lugares. Existe a possibilidade de tal meio ser criado?*

A União Europeia, até agora, não tem tido fôlego. Os iranianos acreditam que, se estivessem determinados, poderiam ter cumprido seus compromissos no acordo nuclear. Coletivamente, sua população e sua economia são maiores que as dos Estados Unidos, mas a UE não tem vontade de enfrentar Trump. Muitos não querem entrar na lista dos proscritos do presidente estadunidense ou irritá-lo, então o obedecem. E claro, alguns até o admiram.

Se isso continuar, os iranianos terão que diminuir seus compromissos com o PACG. Até que os europeus tomem a decisão de cumprir os seus, os iranianos não terão opção senão seguir nessa direção, o que enfraquece todo o acordo nuclear. É ina-

ceitável para o povo iraniano que continuemos sendo o único lado que cumpre integralmente seus compromissos e ainda assim os EUA guerreiam contra suas mulheres e crianças, e conseguem tornar os medicamentos inacessíveis ou muito caros para pessoas vulneráveis, como pacientes com câncer.

Pode ser que a Europa finalmente introduza um mecanismo de pagamento financeiro que há muito vem sendo adiado, mas isso é visto como ineficaz e sem sentido enquanto continuarem intimidados e se absterem de comprar petróleo iraniano e de proteger suas empresas dos Estados Unidos. Os iranianos estão criando mecanismos para comercializar petróleo e realizar outras transações comerciais com os países russos, chineses e amigos da região. Esses países resistiram às intimidações e ameaças dos EUA, mesmo quando os europeus estão cumprindo as exigências e ditames de Trump na íntegra. Isso é algo que os iranianos não esquecerão.



Foto de capa | *Uma mulher iraniana (que não saiu na foto) segura um cartaz anti-EUA durante uma manifestação para marcar o 35º aniversário da Revolução Islâmica do Irã, na Praça Azadi (Liberdade). Teerã, fevereiro de 2014. Morteza Nikoubazl/The New York Times*



Uma mulher iraniana atravessa os tapetes enrolados após o festival de Eid-al-Fitr no santuário de Hazrat-e Massoumeh, neta do profeta Maomé na cidade sagrada de Qom, 120 km ao sul de Teerã. Qom, agosto de 2013.
Morteza Nikoubazi



Instituto Tricontinental de Pesquisa Social
*é uma instituição internacional, organizado por
movimentos, com foco em estimular o debate
intelectual para o serviço das aspirações do povo.*
www.otricontinental.org

Instituto Tricontinental de Investigación Social
*es una institución promovida por los movimientos,
dedicada a estimular el debate intelectual al servicio
de las aspiraciones del pueblo.*
www.eltricontinental.org

Tricontinental: Institute for Social Research
*is an international, movement-driven institution
focused on stimulating intellectual debate that serves
people's aspirations.*
www.thetricontinental.org